

# PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO

## A Produção Bibliográfica para a Área de Turismo no Brasil

por Margarita BARRETTO<sup>1</sup>

Colaboraram:

Biblioteca da Faculdade de Educação/Unicamp

Cleuza MACHADO<sup>2</sup>

Lucia C. Della TORRE<sup>3</sup>

"O bem de um livro  
reside no fato  
de ele ser "lido".  
Sem olhos que o leiam...  
é apenas papel pintado"

E. T. da Silva

### INTRODUÇÃO

A falta de bibliografia para os cursos de Turismo no Brasil é um fato conhecido por professores e estudantes. Os primeiros cursos de Turismo utilizaram bibliografia Espanhola e Mexicana original e, posteriormente, foram realizadas algumas traduções de livros espanhóis e italianos. Na década de 1970 foram produzidos alguns textos no Brasil, alguns por editoras comerciais e outros editados por órgãos governamentais ou pelos próprios autores.

---

(1) Professora da Faculdade Ibero Americana de letras e Ciências Humanas.

(2) Gerente da Livraria Papyrus.

(3) Aluna do Curso de Turismo da Faculdade Ibero Americana.

Atualmente, editam livros científicos de Turismo, em série, apenas a Educs, em Caxias do Sul (RS) e a Papyrus, em Campinas (SP).

É preciso discutir os motivos desta pobreza editorial na área, que obriga a uma predominância da comunicação verbal no ensino de Turismo, com o conseqüente empobrecimento da linguagem e a efemeridade das informações transmitidas oralmente.

Nenhuma discussão seria possível sem ter como pano de fundo os componentes da leitura no Brasil, que podem ser divididos, simplificando o esquema dialético de Silva (1985) em Escritor, Obra, Intermediário (editora, livraria, biblioteca) e Leitor.

### O LIVRO NO BRASIL, UM POUCO DE HISTÓRIA

Enquanto que a história da imprensa remonta ao ano de 1445, em que foi editada a Bíblia de Guttemberg, no Brasil, prelos e impressoras ficaram proibidos até 1808. A única forma de fazer um livro era em tipografia, de uma forma praticamente artesanal, ou imprimindo-o fora do país, como acontecia com o jornal "Correio Brasiliense" que era impresso em Londres e enviado ao Brasil.

Por outra parte, não existia o hábito da venda de livros, portanto os escritores (mormente poetas) conseguiam publicar seus trabalhos apelando a um mecenas. Nesta procura do que hoje poderíamos chamar de "patrocínio", valiam as armas mais sutis, como a registrada por Lajolo & Zilberman (1991:56) quando, por volta de 1710, Nuno Marques Pereira solicita ao rico "emboaba" Manuel Nunes Viana que o auxilie na publicação dos seus originais pois dessa forma obteria graça divina.

*"Suplico a V. Senhoria, como tão devoto da Mãe de Deus, a quem tenho dedicado este livro, se dignem manda-lo ao prelo, e ampara-lo com seu patrocínio para que a mesma Senhora lhe alcance de seu Divino filho mui próspera vida com muito aumento de sua divina graça, como este seu criado lhe deseja".*

Este autor, além de revelar grande ingênio negociando com o sobrenatural, demonstra uma relação ambígua da religião com o livro. Com a ajuda concedida, Pereira -para quem o material

escrito circulante então era veículo da cultura profana-edita o "Compêndio de um Peregrino na América", onde conclama os leitores a não lerem, dizendo que *"melhor é ser caritativo do que ler"* (citado por Lajolo:61), o que pode ser interpretado como que a religião católica só via como legítima a leitura de textos sagrados. Uma confirmação disto seriam as memórias do viajante inglês Henry Koster, nas quais relata que, em várias cidades em que viveu, seus vizinhos acharam que ele era padre ou santo porque lia muito.

*"Percorrendo o Brasil logo depois da chegada da família real, Henry Koster testemunha a estranheza com que a população nativa encarava a leitura: "Alguns dos meus vizinhos... entravam... enquanto eu estava lendo e achavam estranho que eu achasse prazer nessa atividade... Um homem dizia: - O senhor não é padre, portanto, por quê o Sr. lê? (citado por Lajolo:129)*

Esta estranheza da população "nativa" demonstra que a simples carta régia de 13 de maio de 1808, pela qual o Príncipe Regente D. João liberou o uso do prelo, não foi suficiente para a difusão do livro. O público leitor (de literatura "profana") estava concentrado nas classes dominantes da época, como por exemplo filhos de fazendeiros residindo na corte, segmento que, por outra parte não era *"uma camada culta e elevada, pois preferia o vulgar e o extravagante"* (Lajolo:65). Para aquelas pessoas, a leitura como prática social era algo superficial *"É como se, numa sociedade que aprendesse a ler, a leitura... fosse prenda de salão"* (Lajolo:106). Apesar da legislação, não foi propiciado o acesso de toda a população aos bens culturais, *"a nova nação não superou a organização importada da fase colonial, nem teve condições de se modernizar. No plano cultural, persistiu a precariedade dos meios de produção intelectual..."* (Lajolo:11)

Acontece que a implantação da imprensa não só foi tardia<sup>1</sup> mas também desvinculada de um projeto cultural maior. *"...a implantação da imprensa na então colônia lusitana, constituiu uma medida isolada, não tendo sido secundada pela criação e consolidação de instituições e instrumentos necessários à difusão dos produtos impressos. Continuavam faltando escolas, bibliotecas, gabinetes de leitura, livrarias, jornais, editoras"* (Lajolo:129). Este projeto cultural maior só aparece quando o Brasil deixa de ser colônia. De acordo com Lajolo (127) *"O projeto de independência*

*política...foi decisivo no Brasil, para o desenvolvimento da leitura e escrita como práticas sociais*". Mas a popularização da escola só virá no final do século, com a abolição da escravidão e a nova afirmação do ensino e da ciência surgida a partir da influência do positivismo, que trará ao Brasil a ideologia republicana e o pensamento cientificista. "...o sistema educacional permaneceu frágil e a manutenção do regime escravocrata até quase o final do século impediu a popularização da escola" (Zilberman, 1991:87) e, conseqüentemente, do livro e da leitura.

## A RELAÇÃO ENTRE O LIVRO E A ESCOLA

O primeiro prelo a imprimir livros foi do Estado e, em 1809 a edição de livros de geometria, trigonometria e álgebra sela "*desde o início da nossa história editorial, a aliança livros - escola*" (Lajolo:130). A penetração do livro na sociedade mais ampla, dar-se-á através da escola, mas a mesma, no século passado, estava seriamente comprometida.

*"Os anúncios da imprensa nas primeiras décadas do século passado...trazem aportes que, além de confirmarem a precariedade do sistema educacional brasileiro, traçam sugestivo panorama da improvisação pedagógica que campeava no Rio de Janeiro da época ...* (Lajolo:131). Um anúncio publicado na gazeta do Rio de Janeiro em 16 de fevereiro de 1820 rezava: "*Um sujeito europeu, que tendo-se exercitado nas ciências aritméticas, álgebra, geometria, pilotagem, geografia e história dá lições em casas particulares, por meio da língua francesa e italiana, e ainda ensina duas trigonometrias sem socorro algum de livros, tábuas, escalas, compassos, etc* (citado por Lajolo:132)

Mas esta precariedade do sistema de ensino não era conjuntural da época; tinha suas raízes na história colonial. Os esforços educativos da colônia estiveram dirigidos apenas a catequizar índios e a formar bacharéis e sacerdotes, não havendo interesse em educar massivamente nem sequer às próprias camadas burguesas

*"A catequese dos índios pelos jesuítas resumiu o principal programa educacional promovido pela administração portuguesa*

*na colônia americana durante os séculos XVI e XVII...o Estado subsidiava os custos e protegia as escolas....Os jovens brancos também precisavam ser educados; contudo, inexistia um sistema escolar exclusivo para eles, que ou assistiam às lições dos jesuítas ou permaneciam analfabetos, aprendendo eventualmente a ler, escrever e contar com particulares... Já reconhece nesse ponto a pouca (ou quase nula) preocupação das autoridades com a difusão da leitura e escrita, habilidades essenciais aos cidadãos de um Estado que se deseja moderno, como ocorria nos países europeus, que começavam a investir na educação popular. Assim, a penúria cultural do Brasil, ao longo de todo o período colonial....decorreu da inexistência de um programa regular de formação da infância, a não ser quando se tratava de preparar religiosos e bacharéis. Que, mesmo nesse caso, precisavam completar os estudos em Portugal." (Lajolo:27)*

Os livros didáticos praticamente não existiram até 1840 e a maior parte deles eram traduções do francês; não havia produção nacional.

Atualmente existe a obrigatoriedade de adquirir livros didáticos para acompanhar as aulas na escola, o que aparentemente seria um dado positivo para a difusão do livro em geral. Na prática, porém, de acordo com os estudos de Ezequiel T. da Silva, o livro didático gera desgosto pela leitura. Para este autor, fundador da Associação de Leitura do Brasil, a qualidade da maior parte dos livros não é boa, desestimulando o estudante, que só lê quando obrigado. Ele vai mais longe, incluindo o professor de escola entre o público não leitor. *"Sempre tendo em mira possíveis exceções e o caráter dialético da realidade escolar... podemos afirmar que o universo de leitura do professor brasileiro é extremamente restrito"* (Silva, 1991:25). *Não há estudos sobre a condição de leitura do professor universitário, mas a evidência empírica demonstra que não é fácil, atualmente, para um professor (sem outras fontes de renda paralelas), adquirir todos os livros que deveria para sua reciclagem permanente.*

## O MERCADO EDITORIAL

Em 1820 acabava a censura prévia e em 1821 findava o monopólio do estado na imprensa. Começava o mercado editorial

mas de uma forma descontínua, justamente por não haver um projeto educacional maior que permitisse que as editoras se sustentassem. Os pioneiros foram: a Livraria Universal, dos irmãos Laemmert, fundada em 1833, que prioriza os livros científicos e produzia um almanaque que ficaria famoso; em 1844 inaugurou-se a Garnier Frères, só para venda de livros (não editavam); em 1854 a Livraria Clássica que em 1897 passaria a chamar-se Francisco Alves e que em determinado momento chegou a ter 90% da sua produção voltada para os livros didáticos.

De acordo com Sodré (1981:132), a atividade editorial a nível nacional só acontece a partir de 1930, com a industrialização, mas verifica-se o progressivo encarecimento do livro e uma inadequação da forma de distribuição, que privilegia os leitores dos estados do centro-sul. Depois de 1964 retorna a censura e muitas editoras são compradas por empresas estado-unienses que publicam livros e revistas em quadrinhos que *"com o nosso país, só têm afinidade o idioma em que são impressos"*; as editoras deixam de veicular cultura brasileira para difundir uma cultura totalmente alheia à nossa objetivando, conforme Sodré, incutir nos jovens as idéias e preconceitos oriundos da "guerra fria".

A falta de interesse em produzir livros evidencia-se na década de 80, quando o período de vigência da Lei 7505 de incentivo à produção cultural, conhecida como "Lei Sarney". Esta lei também aplicava-se à produção de livros, porém *"foi nestes onde menos ela foi usada"* (Bonclowicz, 1991:110)

## OS LEITORES

Em 1989 estimava-se que havia uma população de 140 milhões de habitantes no Brasil, dos quais apenas 5 milhões eram leitores. Há outras estimativas de fonte duvidosa que elevariam esse número a 12 milhões, porém não há estudos específicos, apenas estimativas e inferências a partir de outros estudos<sup>2</sup>.

Sendo que grande parte dos cursos de Turismo é ministrada em escolas particulares, cujos alunos provêm de escolas públicas, pode-se ter uma idéia da falta do hábito da leitura por parte dos alunos a partir de uma pesquisa realizada nas escolas estaduais do Estado de São Paulo em 1992, que revela que 49%

dos alunos entre 5ª série do primeiro grau e 3ª do segundo, lêem só de vez em quando (Secretaria: 1992:18), e quando isto acontece suas preferências somam 51% entre aventura e romance (Secretaria:26). Os jovens também observam que, tanto seus colegas quanto seus pais e irmãos lêem pouco (Secretaria, 52-53). Surpreende a pouca aprendizagem residual da leitura, evidenciada pela resposta de 14% dos jovens que não lembram qual foi o último livro que leram (Secretaria: 27).

Verifica-se, outrossim, que os hábitos de leitura dos alunos refletem, de alguma forma, os dos seus mestres: os professores do Estado apresentam, na pesquisa, um comportamento análogo ao dos alunos, pois 38% preferem ler romances, contra apenas 8% que lêem textos técnico-didáticos (Secretaria: 67). Por outra parte vemos a falta de incentivo da escola para a atividade de leitura, pois 49% dos professores declaram não indicar a leitura como atividade obrigatória (Secretaria: 90).

Outra pesquisa realizada a nível nacional, dentro das famílias, revela pouco índice de leitura e traz outro dado interessante: as mulheres são as que mais lêem, (54% dos casos), só que o interesse maior é pela leitura de revistas, seguida de livros de literatura, restando para os livros técnicos apenas 3%.(Finep, 189:119)

## O PROBLEMA DO PREÇO E DA REPROGRAFIA

Os livros estão ficando cada vez mais caros, entre outras coisas porque o preço do papel é, inexplicavelmente, 30% maior do que em qualquer parte do mundo; mas há certas particularidades estruturais da sociedade brasileira e do seu conceito de livro: o leitor não aceita edições econômicas, ao contrário do que acontece no México, Cuba, Estados Unidos e Argentina, entre outros, em que é realizado um pequeno número de exemplares em papel "couché" para bibliotecas e instituições; para o grande público, são feitas edições em papel jornal, que custam metade do preço ou até menos.

A falta de hábito de leitura da população que, como demonstrado, obedece a razões históricas, somado às dificuldades de relacionamento com o livro no âmbito da própria escola que

teriam como um dos protagonistas, também, o professor e sua situação econômica, constituem um grave problema para a produção de livros no Brasil. Mas a esses problemas ainda soma-se outro, este sim, mais novo, fruto da nova tecnologia: A FOTOCÓPIA.

A popularização das máquinas fotocopiadoras, o aperfeiçoamento delas, a diminuição do seu tamanho, tudo concorre para transformá-las num inconveniente à produção de livros. *"Nós temos um problema muito grave neste país, que é o problema da reprografia, a falta de educação no preparo do próprio professor no que diz respeito ao livro. Copia-se livros ou capítulos inteiros, a nossa educação é feita em base de cópias reprográficas"* (Bonclowicz, 1991:113).

Em outros países, como os Estados Unidos, fazer fotocópia de livros é considerado um delito. Dificilmente um operador de máquina copiadora aceitará a tarefa; a resposta que se ouve normalmente é que o usuário consiga uma máquina e faça a reprodução ele mesmo<sup>9</sup>.

Escrever um livro pode levar anos, tempo que não rendeu economicamente para o autor. A venda do livro nas ruas é a única possibilidade que o autor tem de recuperar, minimamente, em forma de dinheiro, o tempo investido. O 10% que o autor recebe pouco, mas é alguma coisa. Cada livro fotocopiado, representa um leitor que não pagará direitos ao autor. As editoras investem em digitadores, revisores, desenhistas, matrizes, pagam registros e impostos; a recuperação desse capital investido faz-se através da venda do livro; da fotocópia nada chega à editora. Quanto maior a quantidade de fotocópias maior o estoque de livros sem vender e maior o tempo requerido para recuperar o investimento. Isto leva a um encarecimento do livro por conta do tempo de amortização dos originais e a um desestímulo à produção, tanto por parte do autor quanto por parte do editor.

## LIVROS DE TURISMO DE AUTORES BRASILEIROS

Foi realizado um "survey" a procura de títulos científicos específicos de Turismo deixando de lado os referentes a lazer e hotelaria, assim como os boletins e relatórios emitidos pela

Embratur e institutos oficiais de Turismo dos Estados. Este levantamento não inclui, tampouco, revistas promocionais como *Brasilturist*, *Touristnews*, *Icaro*, etc. Incluíram-se, sim, estudos de planejamento de organismos oficiais. Foi realizada uma pesquisa nas bibliotecas das Faculdades Anhembí-Morumbi, Capital, Ibero Americana, PucCampinas e USP e no nosso acervo particular. Foi realizado um levantamento via fax nas editoras e outro no sistema Unibibli em CD-ROM que reúne os acervos da USP, Unesp e Unicamp. Foram encontrados 62 LIVROS em total (Anexo I). Desses, 31 foram editados entre 1970 e 1980 e de 04 não foi possível estabelecer a data. Apenas 15 foram editados na década de 80 e 14 entre 1990 e 1993. As editoras comerciais que têm títulos disponíveis são: Ática (01), CTI/Terra (02), Kosmos (01), Loyola (01) e Papirus (06). As editoras não comerciais estão representadas pela Educs (02) e a USP (01). Constatou-se que somente duas editoras produzem livros de Turismo em série, a Papirus, e a Educs, editora universitária de Caxias do Sul<sup>4</sup>. A quantidade de livros de ambas é pequena se comparada com a série Trillas, do México, que conta, atualmente, com 45 títulos.

As revistas científicas também são escassas, destacando-se praticamente como única produção exclusiva de Turismo com cunho científico a *Turismo em Análise*, revista semestral da ECA/USP. A Puc de Campinas tem a *Comunicarte* (de Comunicações e Artes) também semestral mas publicada com muito atraso que inclui, em cada número, um artigo sobre Turismo. A revista *Chronos* da Universidade de Caxias do Sul dedicou, na década passada, o número 09 ao assunto "Turismo".

De 1000 títulos citados por Bercht em 1982 (Rejowski, 1993:72) entre livros, folhetos, apostilas, projetos, etc. de Turismo e lazer, encontramos apenas 12 disponíveis no mercado. Isto não permite concluir que não existam outros livros, apenas que, os que eventualmente possam existir, não estão sendo distribuídos para o consumidor final. Sobre os livros produzidos na década de 1970 e início de 1980 estão esgotados e não se cogita re-edição apesar da sua alta qualidade, como, por exemplo, os quatro livros de Lourdes Fellini.

## CONCLUSÃO

Os estudos de Turismo no Brasil estão começando, não há ainda uma tradição de escolas e de pesquisadores, a demanda por livros de Turismo é pequena, o que, provavelmente, torna a área desinteressante para as editoras e distribuidoras. Isto gera um círculo vicioso de livros caros e escassos, e ricas teses produzidas no país<sup>5</sup> esquecidas nas estantes, círculo este que prejudica, e muito, a abordagem científica do Turismo.

Voltando ao esquema dialético proposto inicialmente, podemos dizer que na área de Turismo há escritores e obras, mas faltam intermediários e leitores.

Cabe, neste encontro em particular e no meio acadêmico em geral, discutir qual seria a nossa contribuição para modificar a situação.

## BIBLIOGRAFIA:

- ABELHA, Jose Flavio. - *Manual do turismo Municipal*, Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1973, 130 pág..
- ANDRADE, José Vicente de. - *Turismo, fundamentos e dimensões*, S. P., Atica, 1992, 215 pág..
- BALDERDE, J. J. Godoy. - *Curso de desenvolvimento para executivos de agências de viagens e transportes*, S. P., CNT, 1974, 94 pág..
- BALTASAR, D. Duarte. - *Turismo: dinâmica social e econômica*, S. P., Instituto Cultural e Educativo Manuel da Nóbrega,, 1982, 117 pág..
- BANCO DO NORDESTE. - *Turismo*, Fortaleza, Deptº de Estudos Econômicos, 1971, 112 pág..
- BARRETTO, Margarita. - *Planejamento e Organização em Turismo*, Campinas, Papyrus, 1991, 108 pág.

- BONALD, Olímpio. - *Planejamento e Organização de Turismo, Recife, Empetur, 1984.*
- BONALD, Olímpio. - *Teoria e Técnica de Turismo, Recife, Empetur, 1977.*
- CASTELLI, Geraldo. - *Turismo, análise e organização, Porto Alegre, Sulina, 1975, 184 pág.*
- CASTELLI, Geraldo. - *Turismo, atividade marcante do século XX, Caxias do Sul, Educus, 1986, 127 pág.*
- COSTA, Alfredo C. M. - *Algumas reflexões sobre o turismo na Bahia, Bahia, SCP, 1985, 122 pág.*
- DJURKITCH, Alexandre. - *Meios de Comunicação turística, R. J., Ibet/Cetur, s/d 50 pág.*
- DJURKITCH, Alexandre. - *Modelo Alaguano de Turismo Social, Alagoas, Empresa Alaguana de Turismo, 1982, 56 pág.*
- DOMINGUES, Celestino. - *Dicionário técnico de turismo, Publicações Dom Quixote, 1990.*
- EMPRESA PARANAENSE DE TURISMO. - *Turismo no Paraná: situação atual e perspectivas, Curitiba, Empresa Paranaense de Turismo, 1977, 52 pág.*
- EMPETUR. - *Pernambuco, sinopse da oferta turística, Recife, Empetur, 1977, 41 pág.*
- FAMA, Rubens. - *Curso de desenvolvimento para executivos de agências de viagens e transportes, S. P., CNT, 1974, 28 pág.*
- FELLINI S. Lourdes. - *Introdução ao Turismo, Porto Alegre, ECS/EST, 1977, 89 pág..*
- FELLINI S. - Lourdes. - *Turismo, viabilidade e alternativas, Porto Alegre, EST, 1981, 63 pág.*
- FELLINI S., Lourdes. - *Turismo Rural, Porto Alegre, EST, 1981, 62 pág.*
- FELLINI, Lourdes. - *Turismo, uma atividade municipal, Porto Alegre, EST, 1983, 79 pág.*

- FERRAZ, Joandre. - *Legislação do Turismo*, R. J., CNtur/Embratur, 1977, 190 pág.
- FERRAZ, Joandre. - *Regime Jurídico do Turismo*, Campinas, Papirus, 1992, 162 pág.
- FINEP/Colégio Pedro II. - *Interesses e hábitos de leitura no Brasil*, 1989.
- FUMEST. - *Ilha Anchieta / Plano geral de Exploração turística*, S. P., Fumest, s/d.
- GOMIDE, M. R. - *Turismo, noções elementares*, S. P., FTD, 1972, 155 pág.
- HARAS, Francisco. - *Um estudo para medir a eficácia das medidas de dispersão*, S. P., SCP, 1977, 17 pág.
- HERNANDEZ PENA, D. - *Turismo (4 volumes)*, R. J., Organização Bandeirante de Tecnologia, 1974.
- IGNARRA, Luiz Renato. - *Planejamento turístico municipal*, S. P., CTI/Terra, 1990, 83 pág.
- KERTESZ, Mário. - *Planejamento na Bahia IV*, Bahia, Centro Administrativo da Bahia, s/d 41 pág.
- LAGE, Beatriz e MILONE, Paulo. - *Economia do Turismo*, Campinas, Papirus, 1991, 122 pág.
- LAJOLO, M & ZILBERMAN, R. - *A leitura refeita: livro e literatura no Brasil*, S. P., Brasiliense, 1991.
- LOPES, João do Carmo. - *Turismo Brasileiro: Análise da Permanência dos turistas*, S. P., IPE (USP)/Embratur, 1983, 133 pág.
- MARTINS, Angelo A. C. - *Turismo nas Alagoas: uma alternativa econômica*, Maceió, Sergasa, 1991, 178 pág.
- MINISTÉRIO DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO. - *Turismo: desenvolvimento turístico do litoral Rio-Santos*, R. J., Embratur, 1975, 110 pág.
- MINISTÉRIO DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO. - *Turismo: legislação básica*, R. J., Embratur, 1970, 349 pág.

- OLIVEIRA, A. U. de. - *Geografia turística do Brasil*, R. J., Kosmos, 1988, 241 pág.
- OLIVEIRA, A. U. - *Turismo, a grande indústria*, R. J., Kosmos, 1984, 221 pág.
- PELEGRINI Filho, Américo. - *Ecologia, Cultura e Turismo*, Campinas, Papirus, 1983, 189 pág.
- PELIZZER, Hilário. - *Uma introdução à técnica do turismo: Transportes*. S. P., Pioneira, 1978, 187 pág.
- PEREIRA, Arlete M. - *Bibliografia sobre Turismo*, R. J., Senac, 1988.
- PIRES, Luciano Davi. - *Nova fase do Turismo Mundial*, S. P., Eu e Você, 1992.
- PORTO Filho, Ubaldo. - *Turismo, realidade baiana e nacional*, Salvador, Um, 1976.
- POZENATO, J. C. - *Carta de viagem, Caxias do Sul*, Educs, 1992.
- PUPO, Oswaldo de Aguiar. - *ABC do Turismo e das Estâncias*, S. P., Martins, 1974, 81 pág.
- RABAHY, Wilson. - *Planejamento do Turismo: análise econômica*, S. P., Loyola, 1990, 167 pág.
- REJOWSKI, M. - *Pesquisa acadêmica em Turismo no Brasil (1975 a 1992), configuração e sistematização documental*, Tese (Doutorado), ECA/USP, 1993.
- RIBEIRO, A. C. Coelho. - *Estudos conjunturais do Turismo no Nordeste*, Fortaleza, BNB/Etene, 1976, 35 pág.
- RODRIGUES, Gabriel. - *Fazendo Turismo: Cartilha de conscientização turística*, S. P., Artes e Texto, 1972, 50 pág.
- RUSCHMANN, Doris. - *Marketing turístico*, Campinas, Papirus, 1991, 124 pág.
- SECRETARIA DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO. - *SETUR - Subsídios para a estatística brasileira*, S. P., Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, 1974, 106 pág.

- SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO -FDE.- **Pesquisa: Leitura na Rede Estadual de Ensino**, Governo do Estado de São Paulo, 1992
- SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE S. P. - *Catálogo do cadastro de informações sobre São Paulo*, S. P., Cebitur, 1976, 227 pág.
- SECRETARIA DE TURISMO E DESPORTES DE RIO GRANDE DO SUL. - *Consolidação de estudos e projetos de Rio Grande do Sul*, R. S., Citur, 1974, 19 pág.
- SECRETARIA DE TURISMO DE SÃO PAULO. - *Turismo e Esporte*, S. P., Mauro Ivan Marketing, 1981, 190 pág.
- SILVA, E. T. da. - *As direções da pesquisa na área da leitura*, trabalho apresentado no 3º Seminário de Pesquisa em Educação, Região Suldeste, promovido pela Unicamp, Campinas, 6 a 8 de Novembro de 1985 (inédito).
- \_\_\_\_\_ - *De olhos abertos: Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*, S. P., Ática, 1991.
- SILVEIRA, J. Xavier da. - *Turismo: indústria de base, prioridade nacional*, R. J., Record, 1976, 146 pág.
- SILVEIRA, J. Xavier da. - *Turismo, técnica e operações*, R. J., Sedega, 1974, 174 pág.
- SODRÉ, N. W. - *Síntese de História da Cultura Brasileira*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- SUDENE. - *Proposta para um plano diretor de desenvolvimento do nordeste Recife*, Sudene, 1980, 12 pág.
- SUDEPLA. - *Turismo Social e balneário*, S. P., Sudepla 1980, 130 pág.
- SUDEPLA. - *Possibilidades turísticas no Vale do Ribeira*, S. P., Sudepla/Seplan, 1974, 176 pág.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoy. - *Turismo e Qualidade: Tendências contemporâneas*, Campinas, Papyrus, 1993, 121 pág.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoy. - *Cronologia do Turismo no Brasil*, S. P., CTI/Terra, 1991, 70 pág.

VAZ, Alcides Fernádes. - *Administração de turismo*, R. J., ATA, 1975, 354 pág.

**Palestras:**

BONCLOMICZ, A. K. no 7º COLE realizado em 1989, Campinas, ABL, 1991.

ZILBERMAN, R. *ibidem*.

## **Preservação da Herança Cultural, Museus e Desenvolvimento no Canadá - Relatório de Estágio no Canadá pelo Facultyenrichment Program**

**Profª Regina Márcia Moura TAVARES**

### **INTRODUÇÃO**

No período compreendido entre 23 junho de 1994 e 30 de julho do mesmo ano, estive no Canadá desenvolvendo programa de estudos na área da preservação do patrimônio cultural e da nova museologia, objetivando a inclusão de conteúdos canadenses em minha programação habitual do curso de Turismo, bem como organização de cursos de extensão para serem ministrados no Centro de Cultura e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Na qualidade de criadora e atual presidente do Forum Nacional de Museus Universitários e membro do ICOM-Comitê Internacional de Museus, é minha intenção, também, divulgar as ricas experiências vivenciadas nas várias instituições canadenses, sem dúvida alguma bastante avançadas relativamente às demais

similares do mundo em congressos e conferências de âmbito nacional e internacional.

O sucesso de que se revestiram os estágios teve por base os contatos preliminares que mantive com os orientadores Johanne Landry, diretora de Programas Públicos da Societé Gestionnaire do Biodôme et du Planétarium de Montréal, com Cyril Simard, presidente da Commission des Biens Culturels de Québec e da Association des Economusées, assim como com Francine Lacroix, coordenadora de estágios do Musée de la Civilization de Québec os quais, antecipadamente, organizaram programações detalhadas e abrangentes que me permitiram compreender em profundidade e extensão a área que me propus a estudar. Por outro lado, logo ao chegar, através deles estabeleci contatos com o ONF-Officiel National du Film du Canada e com o Service des Parcs Canadiens nos quais pude, também, desenvolver pesquisas de grande interesse.

Como minha estada prolongou-se além das quatro semanas previstas em meu pedido à Embaixada, acrescentei às minhas observações, outras instituições museológicas como o Royal Ontario Museum de Toronto, galerias de arte e espaços de interpretação tanto em Vancouver quanto em Vitória.

## 1. O CANADÁ, A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E O TURISMO

Quando se chega a esse país com cerca de 25 milhões de habitantes, com cidades modernas e bem planejadas, cheio de verde, com excelente qualidade de vida para a maior parte da população e com comunidades anglofone e francophone disputando espaços políticos para a consolidação de seus projetos de desenvolvimento, tem-se a oportunidade de perceber com clareza a íntima relação que existe entre a preservação da herança cultural acumulada pelos vários segmentos sociais, a percepção que a população tem relativamente a si mesma no presente e as propostas que a mesma formula para o seu futuro.

Creio que minha permanência de 26 dias no Québec, logo no início da viagem, foi de grande significação, pois pude

observar as inúmeras ações recorrentes que se desenvolvem no maior Estado canadense no âmbito tanto da preservação do patrimônio natural, quanto do cultural intangível, móvel e imóvel, ao mesmo tempo que acompanhei, pela mídia impressa e televisiva, as inúmeras discussões que se processam a respeito da soberania de Québec para tomar decisões relativas ao seu futuro.

A onda de restauração de bens patrimoniais que testemunham as raízes francesas, bem como a revitalização de museus antigos e a construção de novos, os projetos de animação cultural em espaços públicos, de certo modo, coincidem com o esforço que a comunidade francófona vem desenvolvendo para reconquistar os espaços políticos perdidos para os anglofones no Canadá.

### 1.1. MUSEU DA CIVILIZAÇÃO - QUÉBEC

O MUSEU DA CIVILIZAÇÃO de QUÉBEC foi construído há seis anos na região denominada VIEUX QUÉBEC com o claro objetivo de, através da própria arquitetura e de seu projeto de ação cultural, incorporar o passado no presente, assim como promover a revitalização do centro histórico, espaço deteriorado como em tantas cidades de nosso Brasil. O programa de animação cultural que o museu desenvolve na PLACE ROYALE, berço da cidade, é modelo para todos os museus do nosso continente que queiram contribuir para um projeto de desenvolvimento calcado no conhecimento das peculiaridades culturais de cada cidade, região ou país.

Durante meu estágio nessa instituição museológica, mantive contatos com os setores da administração geral e financeira, com a gerência da boutique, das exposições internacionais, com o serviço de pesquisa e avaliação com a direção de difusão e educação. As exposições temporárias estudei-as intensamente, tentando captar desde a oportunidade com que os mais variados temas atingem propositalmente públicos diversos ("habitués", não especializado, infantil, científico), quanto os aspectos museográficos, o volume da informação, os recursos de multimídia utilizados, a reação do público às mesmas. Observei o trabalho dos guias, assim como dos animadores culturais dentro do próprio espaço museal. Frequentei a lanchonete e o café, assim como os

espaços onde os públicos infantil e adulto podem descansar e trocar idéias sobre o que estão vivenciando, a fim de perceber melhor o sentido de suas inserções no contexto. Chamou minha atenção a preocupação com a acolhida que os visitantes têm em todos os setores de atendimento ao público no Canadá mas, principalmente, em Québec onde nota-se a preocupação de se manter o fluxo turístico, primeiro item da balança comercial. Nesse sentido, a recepção nos museus ocupa um espaço central e frontal, onde o visitante não somente paga seu ingresso, mas recebe uma série de informações importantes para um melhor aproveitamento do período que ali passará, bem como para retornos futuros. A abordagem do visitante com o fim de fazê-lo associado da AAM - Associação dos Amigos do Museu, também é feita em setor próximo à recepção.

O MUSEU DA CIVILIZAÇÃO tem hoje 350 funcionários concursados atuando nas mais variadas áreas. Para sua receita o Estado contribui com 80% do orçamento, vindo os restantes 20% da área empresarial, através de patrocínios, assim como das vendas da boutique. Aliás, esta última tem um lugar de destaque em todos os museus, tanto do Canadá como dos EEUU. Comercializam-se nelas não somente reproduções de produtos artesanais locais e de peças dos próprios acervos, mas também reproduções de peças de museus do mundo inteiro. A loja do Museu parece-me importante enquanto uma possibilidade alternativa de difusão cultural, além de considerável fonte alternativa de receita.

O MUSEU DA CIVILIZAÇÃO de QUÉBÉC é, também, um espaço cultural aberto a conferências, lançamentos de obras literárias e plásticas, contando, para isto, com uma excelente infraestrutura em termos de auditório, recursos audio-visuais, gráficos e equipe de comunicação social.

Percebi a presença do citado MUSEU em quase todos os lugares por onde passei em Québec, evidenciando-se uma consciência, por parte de seus dirigentes, de que não basta ser ele uma instituição cultural eficiente, pois há necessidade de se sensibilizar a população para que ela o procure.

Finalmente, dessa instituição e de outras onde estagiei, despachei por navio aproximadamente 20 kg de materiais impressos, entre livros, catálogos, materiais informativos e de setor administrativo, os quais servirão de subsídios a outros interessados nesse assunto em nosso país.

## 1.2. COMISSÃO DOS BENS CULTURAIS DE QUÉBEC

M. Cyril Simard, arquiteto e etnólogo, atual presidente da Comissão dos Bens Culturais de Québec abriu-me seu escritório, ofereceu-me suas obras publicadas e indicou profissionais competentes a ele ligados da Universidade de Laval para me prestarem todos os esclarecimentos relativos aos sítios preservados em Québec, o papel do estado nessa ação preservacionista e a relação que a mesma mantém com o Turismo receptivo.

Visitei inicialmente a MAISON DU TOURISME, no prédio da rua Ste. Anne, a qual acolhe de maneira calorosa o recém-chegado à cidade de Québec, oferecendo-lhe com presteza as informações de que necessita para hospedar-se, passear, alimentar-se e viajar entre os vários pontos do país; nesse mesmo local o visitante pode fazer troca de moeda e utilizar-se de outros serviços bancários, bem como já fazer reservas em hotéis ou em hospedagens do tipo B & B, universitárias e outras. A situação da MAISON é privilegiada, ou seja, no coração da cidade velha, de onde já saem satisfeitos, curiosos e entusiasmados os turistas para um reconhecimento geral.

Os materiais que lhe são oferecidos são de boa qualidade e fruto de pesquisas cuidadosas, ensejando passeios a pé por todo o centro histórico, bem como roteiros fluviais e terrestres.

Durante o verão, canadenses e estrangeiros, dia e noite percorrem todo o centro histórico da cidade de Québec conhecendo um pouco da conquista desse território pelos franceses, o período da dominação inglesa, os recantos dessa cidade fortificada que ainda tem na mira de seus seculares canhões o magnífico rio St. Laurent. O QUÉBEC vem investindo consideravelmente tanto na reconstrução de áreas que já haviam se descaracterizado completamente, quanto na restauração de imóveis de sítios considerados de valor histórico. Nesse caso, ele adquire os imóveis

dos proprietários, restaura-os e os aluga aos seus antigos donos, preferencialmente. Toda uma infra-estrutura hoteleira, de restaurantes, lojas, galerias e áreas de descanso, aonde se apresentam grupos artísticos, freqüentemente, permite uma intensa circulação nesse espaço central da cidade. Segundo dados que me foram fornecidos, para cada dólar investido em Cultura no QUÉBEC retornam sete(7), e no Canadá, como um todo, retornam quatro(4). Assim sendo, todos os envolvidos nos setores acima mencionados saem ganhando com a preservação da memória local, além do próprio governo que arrecada mais. Fica claro, portanto, que os canadenses entendem que a preservação do patrimônio cultural não somente permite o resgate da identidade, a revitalização do orgulho nacional, mas impulsiona o desenvolvimento, na medida em que o turismo oportuniza circulação de riquezas.

### 1.3 ASSOCIAÇÃO DOS ECONOMUSEUS - QUÉBEC

M. Cyril Simard, criador do conceito ECONOMUSEU, ofereceu-me as melhores condições para que eu pudesse inteirar-me dessa nova proposta museológica a qual, na realidade, constituiu-se no motivo primordial de minha visita ao Canadá.

Preocupado, permanentemente com a situação calamitosa em que se encontram os museus brasileiros, o artigo publicado na revista MUSEUM, de autoria de Cyril Simard percorrendo sobre a experiência dos Economuseus no Québec, revelou-se uma esperança para mim. A observação que pude fazer "in locu" de quatro Economuseus deixaram-me a certeza de que a atividade museal pode vir a se autosustentar, desde que façamos uma revisão no próprio conceito de Museu. (A Nova Museologia já fez essa revisão e nós, do Museu Universitário Puccamp, já trabalhamos com o novo conceito, embora no Brasil a grande parte dos museus ainda trabalhe para preservar o "raro", o "belo", o historicamente correto tão a gosto das elites dominantes).

Estudei cuidadosamente as experiências da Papelaria St. Gilles - fabricação artesanal do papel de algodão, do Atelier Paré-arte e trabalho tradicional artesanal em madeira, da Verrerie Champlain-produção artesanal do vidro na região de Québec. Pude

constatar que a preservação do patrimônio construído pelas experiências seculares de uma população realmente justifica-se à medida que as mesmas são incorporadas àquelas do presente através da proposta dos economuseus. Por outro lado, a comercialização dos objetos-acervo dão uma dimensão de realidade à ação preservacionista, pois toda a atividade humana, em qualquer tempo ou lugar, organiza-se sobre uma base de trocas. A participação da população na definição do objeto-alvo da preservação é aspecto relevante à medida que estamos sempre aspirando por uma maior democratização nos processos decisórios.

A farta documentação que trouxe sobre o assunto será certamente de grande utilidade em nosso país, visto haver um total desconhecimento no meio museológico brasileiro a respeito do mesmo.

#### 1.4. PARQUES CANADENSES

Se na política cultural canadense a preservação do patrimônio cultural é prioridade, ela anda "pari passu" com a preservação do espaço natural. No QUÉBEC, assim como na Colúmbia Britânica-Vancouver e Vitória, onde passei a maior parte do tempo, observei o zelo que existe para com os parques, os jardins, o arvoredo que circunda as casas, a fauna. A consciência ecológica está presente, também, entre a população no cuidado que tem com a água, com a qualidade do ar. Os programas educativos do BIODOME de Montréal, um Museu de História Natural que reconstituiu os ecossistemas da Terra, são de uma riqueza fantástica no que diz respeito à sensibilização das crianças para com a sobrevivência nessa nave espacial, o nosso sofrido planeta.

O que chamou mais a minha atenção, entretanto, foi o trabalho desenvolvido pelo setor de administração dos parques canadenses nos sítios arqueológicos contidos nesses parques. Os chamados "lieu d'interpretation" incluem não somente a apresentação do resgate arqueológico, mas espaços de acolhida ao visitante onde ele pode assenhorar-se de informações mais detalhadas sobre o sítio, sua relação com o entorno no passado e no presente.

Pensando em inúmeros parques nacionais que estão carentes em nosso país de qualquer projeto, seja para a preservação do meio natural, seja para a preservação da herança cultural que ele contenha, discuti com meus interlocutores a possibilidade de desenvolvimento de um projeto conjunto BRASIL/CANADÁ nessa área, ao que me responderam ser possível; inclusive, citaram recente experiência desenvolvida com o Cambodja através do Ministério de Cooperação Internacional, sem custo para o mesmo, no que se refere à consultoria.

### 1.5. MUSEUS AO AR LIVRE

As experiências de "open air museum" pude apreciá-las numa aldeia da reserva dos Huron e em Upper, Canadá. Em ambas há enorme fluxo turístico, pois a animação cultural contribui para que a cultura dos autóctones de dois séculos atrás, assim como a dos agricultores do fim do século XIX e início do XX, sejam melhor compreendidas. Nelas, também, a venda de reproduções e de produtos artesanais garante, ao lado dos restaurantes, uma receita significativa para a manutenção da própria proposta museológica.

## CONCLUSÃO

Devo dizer que essa visita ao Canadá para conhecer um pouco de sua prática de preservação do patrimônio cultural e museologia acrescentou dados ao meu conhecimento mas, sobretudo, consolidou idéias que já possuía sobre o sentido da preservação da herança cultural para o desenvolvimento de um país em bases próprias. Reforçou, também, minha convicção de que podem conviver várias propostas museais diferenciadas, mesmo porque os públicos são igualmente variados e mais ou menos preparados para captar as mensagens que o museu lhes pode oferecer. O importante é que todas elas estejam profundamente identificadas com os vários processos culturais vivenciados pelos múltiplos segmentos sociais ao longo da história do país.

Como este relatório não pretende ser um documento científico, escusei-me de fazer referências quantitativas, precisar

datas, locais e nomes de todos aqueles com os quais convivi no curto período de meu estágio.

Finalmente, é necessário que se diga que o Faculty Enrichment Program oferecido pela Embaixada do Canadá para a difusão de aspectos da cultura canadense no meio universitário é iniciativa das mais meritórias, refletindo bem a cordialidade e o prazer em dividir que caracteriza o seu povo.